

## Preço da assignatura

Anno . . . . .	1\$800 rs.
Semestre . . . . .	650 "
Trimestre . . . . .	350 "
Numero avulso . . . . .	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

# A RESTAURAÇÃO

## SEMANARIO CATHOLICO

## Preço das publicações

Anuncios e communicados, linha . . . . .	40 rs.
Repetição, por linha . . . . .	20 "
No corpo do jornal . . . . .	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

### Susceptibilidades

O snr. João Franco, actual presidente de ministros, tem proclamado bem alto a necessidade de fazer-se uma administração séria e honesta, e que está sinceramente resolvido a fazê-la.

Acudiram logo alguns ex-ministros a dizer que o snr. João Franco os injuriava, porque deixava supôr que antes delle a administração pública não era honesta; injúria que elles não podiam soffrer, porquanto tinham a consciencia de ter cumprido o seu dever e de ter prestado ao Estado relevantes serviços.

Respondeu-lhes o snr. José Novaes, nobre titular da pasta da justiça, affirmando que as palavras do snr. João Franco se referiam aos processos usados até agora, e não aos ministros das situações anteriores. E nisto concordou um illustre deputado, alliado do governo, e que já fôra ministro das obras públicas.

Eiz-aqui um incidente assás interessante e que merece alguns commentarios.

Que ha necessidade de se iniciar uma administração honesta, é uma verdade tam clara, que só os cegos a não vêem. E, se isto é verdade, a conclusão logica, ineluctavel, a tirar, é que até agora a administração não tem sido boa, não tem sido honesta.

Postas as premissas, a consequencia impôe-se por si mesma, e forçoso é acceitá-la. E admittida a consequencia de que a nossa administração pública até agora não tem sido honesta, tambem se é obrigado a admittir que as palavras do snr. João Franco, em que affirma os seus propositos de fazer um governo legal e moralizador, envolvem uma censura, ao menos indirecta, ás situações politicas anteriores. E nessa censura ficam envolvidos não só os processos até agora usados, mas tambem os ministros que os usaram.

Se eu censuro uma obra má, claro está que tambem censuro o auctor della, embora o não queira nomiar. A logica não tem entranhas de compaixão nem se sujeita a accommodamentos. E' uma pesada mole, que, começando a rolar do alto dum monte, es-

maga e destroi tudo que se lhe ponha na frente.

De modo que, se ha necessidade de se iniciar uma administração honesta, é porque até agora a não tem havido; e aqui vai, quer queiram quer não queiram, uma censura, uma condemnação não só dos processos politicos até agora usados, mas tambem dos homens publicos que os usaram. Não ha fugir daqui. Dê-mhe as voltas que quiserem. Todas as habilidades e subtilezas se desfazem com uma pequena reflexão.

O que eu acho mais interessante no caso sam as susceptibilidades, daquelles ex-ministros que se julgaram melindrados com as palavras do snr. João Franco, e acudiram logo a varrer a sua testada. Querem contestar que a administração pública até agora tenha sido immoral. Mas isto é negar uma verdade conhecida por tal.

Se a nossa governança tem sido regrada, economica, justa, até agora, e nós estamos nesta deploravel situação que todos conhecem e lastimam; qual seria o nosso estado, se ella tivesse sido má, immoral? Se bons governos nos arrastaram á decadencia, aonde nos levariam, se fossem maus?

Mas o facto é que nós temos tido maus governos, governos deshonestos, governos que foram uma calamidade para a nação. Quero crer que poucos ou talvez nenhum ministro se locupletasse á custa do thesouro: administraram mal, mas não foi em proveito proprio. Isto comtudo não os exime de responsabilidades.

Esses emprêgos escusados que crearam, essas gratificações indevidas que pagavam, esse cuidado preferente dos interesses do partido em prejuizo e com esquecimento dos mais importantes negocios públicos, esse consentimento e complacencia na transgressão das leis mais vitales da nação, essa politiquice reles no provimento dos mais serios emprêgos officiaes, essas obras publicas feitas em proveito de particulares, tudo isso e muito mais que agora se não diz, não sam outras tantas immoralidades, não sam outras tantas provas de que a nossa administração tem sido deshonesto, e de que os nossos administradores, numa grande

parte, mereciam prisão cellular e costas de Africa?

E' certo que os ladrões não gostam de ser olhados e tratados como taes; mas, se elles não respeitam os bens alheios, se elles se apropriam o que lhes não pertence, ham de soffrer que para todos os effeitos sejam considerados como ladrões.

Assim, se a nossa administração precisa de ser moralizada, é porque o não tem sido até aqui, e é porque os ministros das situações passadas não cumpriram os seus deveres, abusaram da sua posição, atraçoaram os interesses do Estado e tornaram-se merecedores da vindicta pública.

Desculpem-se, como quizerem e puderem: á face da justiça social sam uns grandes criminosos.

P. A.

O célebre doutor Récamier trazia sempre consigo o seu Terço, e recitava-o quando ia visitar os seus doentes. «Quando acho a medicina impotente,» dizia elle «dirijo-me áquelle que tudo sabe curar: é certo que nisto uso de diplomacia, tomando a Santissima Virgem por intermediária.»

### O respeito humano

VI

Que vem a ser, na linguagem christã, converter-se um homem? —E' passar do mal ao bem, do vicio á virtude, da imprudência á sabedoria, das loucuras dum mundo frivolo á pratica duma religião divina geralmente venerada. Muita razão tinhamos pois, quando acima diziamos que a conversão é um acto honroso, que deve seguramente conciliar áquelle que o pratica a estima da parte mais sã e mais respeitavel da sociedade. Assim que, dirigindo-nos a todo o homem razoavel, crente ou não crente, lhe perguntamos: se elle visse, por exemplo, esse moço, que se arruína por despesas loucas, que se deshonra por um proceder licencioso, que amargura seus excellentes paes por desatinos e desordens de toda a casta; se o visse reentrar em si, revocar á memória os ditosos e santos annos de sua infancia, e voltar, por uma conversão reparada, á pratica da religião; que pensaria, que diria esse homem razoavel cujo testemunho invocamos? Não seria o primeiro em felicitar esse moço pelo seu retorno á verdadeira sabedoria? Não empregaria tanto alvoroço em louvar o seu piedoso passo, como pouco antes empregava em estigmatizar o seu procedimento pela censura e pelo desprezo? E' ponto incontestavel; e o que ou-

sasse decidir contra, não merecia que se lhe pedisse o parecer.

«Comtudo» dirá talvez algum indeciso «eu tenho amigos irreligiosos que censuram sempre os devotos e a devoção; e, se me converto ou pratico a religião, não escaparei ás suas criticas mordazes.»

Escutai: se vossos amigos censuram quando quereis passar do mal ao bem, ou quando praticais o bem, fugi delles. Não vedes que sam indignos da vossa estima, visto que incensam o vicio e desprezam a virtude? Que amigos sam esses, que vos honram se vós fordes viciosos, e vos censuram se deixardes de o ser? E consolai-vos aliás: se vossos antigos amigos ousam censurar-vos, outros amigos mais honrados e mais verdadeiros applaudirám a generosidade do vosso procedimento. Pois quê? Não ha de haver amigos senão no seio da impiedade? E, porque uma pessoa fica privada da sociedade de alguns homens sem religião, deverá renunciar a encontrar meio de se indemnizar dessa privação? Decerto que não: não é assim. Se voltardes a Deus, ou o servirdes, a impiedade fechar-vos-ha talvez os seus círculos: mas, em troca, abri-vos-ha o seu santuário a caridade christã. Se voltardes a Deus, os vossos antigos amigos, que eram talvez vossos companheiros da desordem, vos despedirám da sua sociedade (oxalá o houvessem feito desde o principio!); mas este apartamento será precisamente o vosso titulo de admissão junto de amigos virtuosos, que vos esperam ansiosos para vos dar o ósculo da paz. A' zombaria do libertino succederám os elogios do christão fiel; a uma amizade, que só assentava no vicio, succederá uma amizade pura que terá a religião por base, a virtude por vinculo e o ceu por termo.

Mas para que ir mais longe? Attenhamo-nos á realidade das coisas. «Se eu me converto ou pratico a religião,» dizeis vós «os meus amigos censurar-me-ham.» —E' um engano: os vossos amigos ham de admirar-vos. «Estamos vencidos:» dirám elles comsigo «elle desprezou os nossos conselhos, não fez caso nenhum de nossos exemplos; affrontou o attractivo do prazer que lhe propúnhamos; em summa, fez o que nós não tinhamos coragem de fazer e que algum dia folgaremos de executar como elle.» Taes sam —não hajais dúvida— as secretas reflexões que lhes inspirará o vosso procedimento. Envergonhados da sua covardia, contemplarám com admiração a vossa coragem; infelizes escravos, invejarám, gemendo, a preciosa liberdade de que ficareis gozando. Estai certos de que a sua lingua não estará em harmonia com seus pensamentos: em seus labios achar-se-ha talvez a zombaria; mas descei ao fundo do seu coração, e lá encontrareis a admiração e o elogio.

Quem sabe até—o que decerto não é sem exemplo—quem sabe se tal de vossos amigos, cuja cen-

sura temeis, se não julgará feliz em se deixar vencer pela santa contagião do vosso exemplo? Se elle estava preso, como vós, pelo respeito humano, que coisa mais própria para lhe fazer quebrar as suas cadeias, do que ver voltar á religião um homem que elle receava ter como censor, quando em si sentia qualquer velleidade de conversão?

Se pudesseis ver o que passa no fundo dos estreitos corações dos covardes escravos do respeito humano, não imaginais que lastimoso espectáculo se vos offerceria á vista. Vê-los-heis vergonhosamente escravizados uns aos outros por mil vinculos secretos, não ousando dizer uma palavra, fazer um gesto, dar uma approvação, formular uma censura, praticar qualquer acto que parecesse ter a religião por principio, sem terem obtido a permissão, pelo menos tácita, dos seus companheiros de cadeia. Quando pois um desses covardes, indignado da sua covardia, se levanta com um santo orgulho, sacode o jugo, quebra os estorvos e faz ouvir a seus amigos admirados, não já os gemidos do escravo, mas a palavra do senhor que retoma a liberdade do seu proceder e a independência de seus actos; quando lhes diz com o acento da convicção e poder da fé: «A minha resolução está tomada: obedeço á minha consciencia; siga-me quem quiser; entrego-me a Deus definitivamente, applaudindo-me de fazer hoje espontanea e livremente o que talvez não tivesse tempo de fazer mais tarde, o que pelo menos então faria sob a pressão da necessidade e, por consequente, sem mérito e sem glória;» quando lhes dirige esta linguagem, não tenhamos dúvida de que palavras tam nobremente expressas encontrem echo em mais que um coração; e algumas vezes áquelle que as profere ficará espantado de ter por apologistas e até por imitadores aquelles de quem só esperava mordentes epigrammas e desagradadas ironias.

Ha annos que certo moço, um dos mais distinctos estudantes da Escola Polythécnica de Paris, perdeu o seu Terço. Um seu companheiro achou-o, e, na hora de recreio, chamou todos os alumnos, prendeu o Terço a uma das árvores do pátio, e com ar de desafio exclamou: «Aquelle a quem pertence este Terço, venha buscá-lo.» —«Fui eu quem o perdeu.» disse com grande calma o referido moço, avançando pelo meio dos alumnos «Este Terço é uma recordação de minha mãe; tenho-lhe muito amor, e rezo-o todos os dias.» —«Bravo!» exclama uma voz grossa. Todos se voltam: era a voz do general commandante da Escola. «Bravo, meu amigo!» diz elle apertando a mão do moço christão «Sois um homem de coração e de energia. Continuai assim, e tereis bom futuro.» O brioso estudante foi o primeiro que saiu da Escola; mas, durante todo o tempo que nella esteve, foi o mais estimado e o mais amado de todos os alumnos. Tan-





# SERMÕES

do Veneravel Padre **SEGNERI**, da Companhia de Jesus

(O Cicero christão)

Seguidos de observações criticas pelo reverendo **JUAN MARIA SOLÁ**  
da mesma Companhia

Traduzidos em português pelo Presbytero

**Miguel Ferreira de Almeida**

*Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontifice", e redactor da "Revista Catholica",*

A Empresa da *Revista Catholica*, de Vizeu, no intuito de fornecer aos reverendos sacerdotes e parochos o melhor e mais puro modelo de oratoria sagrada, principiou a publicar os monumentaes **Sermões** do grande orador sagrado, o Veneravel Padre **SEGNERI**, da Companhia de Jesus.

O titulo glorioso de *Cicero christão* com que o Veneravel Padre e zelosissimo missionario apostolico italiano é conhecido em todo o mundo sabio, só por si, sam a mais alta recommendação da obra que vai sair a lume.

Para se avaliar a sua importancia e necessidade, vamos transcrever do Prologo o testemunho auctorizado de Guilherme Andisio, presidente da Academia de Soperga, em Turim, e mais tarde conejo de S. Pedro no Vaticano e lente de direito da Universidade da Sapiencia em Roma, que deixou escripto nas suas formosas *Lições de Eloquência Sagrada* que dedicou ao immortal Pontifice Pio IX:

"Segneri, o grande Segneri, nascido em Nettuno (provincia romana) em 1624, grande pela natureza e tornado ainda maior pelo estudo que fez, incançavelmente, nos modelos de toda a litteratura classica italiana, tomou sobre si o honroso encargo, luctando contra uma nação inteira, de despertar o genio oratorio de Cicero. Começou por lançar fóra da eloquência sagrada os ornatos profanos, as metaphoras empoladas, e os caprichos que a ignorancia dos seculos precedentes tinha introduzido, e o mau gosto daquelle tempo tinha desmedidamente augmentado.

"Pôs-se a tratar, não assumptos paradoxaes, de que, como diz Roberti, ao menos uma quarta parte era falso, onde o orador se via em sérios embaraços para reduzi-los a um sentido verdadeiro e catholico; não proposições exquisitas, que não visavam a instruir, mas a impôr-se pela novidade: mas sim verdades christãs, e não só christãs mas práticas; demonstrando-as quasi sempre com a auctoridade das Sagradas Escripturas e dos Padres, com o sentimento e com a razão.

"Depois de assim escolhida entre as verdades mais uteis e solidas a sua proposição, que enuncia com força e lucidez, desce à disposição das provas.

"E nenhum outro orador, quer sagrado quer profano, jámais as dispôs com magisterio mais subtil de sabedoria, encadeando-as entre si, apertando o ouvinte com vinculos tam fortes, que lhe tornava a um tempo necessario e doce o render-se.

"E tanto no convencer como na promoção dos affectos, é sempre e em toda a parte, a par de Demosthene, o orador popular.

"Como sabe encarnar e colorir as provas, servindo-se de imagens!

"Como a attenção, que facilmente cairia enfraquecida e extincta na aridez do raciocinio, é por elle avivada, já com a belleza das narrações, já com um dialogo franco e natural, que não abandonando a si mesmo os ouvintes conciliava para o discurso a vivacidade e o deleite de conversação animada!

"Como o seu estylo é nobre e elegante, energico e forte!

"Cada palavra sua, escreve Andres, é a mais appropriada, cada phrase a mais expressiva, cada periodo o mais justamente medido, as expressões significativas e opportunas, as figuras bem manejas, e todas as luzes da dicção empregadas com maestria e facilidade.

"Se faz uma narração, pinta-a com as côres mais naturaes e verdadeiras; se move um affecto, estimula-o com a força mais viva e ardente; se quer amplificar um sentimento, apresenta-o com maior luz, e com dignidade mais nobre; e o seu estylo brilha com os ornatos duma fecundia natural, sem os vicios desmedidos duma affectação estudada."

E basta de citação para se ajuizar do que é esta obra.  
A seguir serão também publicados os

**SERMÕES ABREVIADOS** para todos os domingos do anno

POR

**Santo Affonso Maria de Ligorio**

**Condições da assignatura**

A obra é distribuida em fasciculos de cinco folhas magnificamente impressas em optimo papel, de formato 8.º grande.

Cada fasciculo costará apenas 160 reis, que serão pagos no acto da entrega. Os assignantes da provincia receberão os fasciculos pelo correio sem augmento de preço, e pagarão de cinco em cinco fasciculos, para o que lhes serão enviados pelas respectivas estações postaes os competentes recibos. A distribuição será feita com a maxima regularidade.

Tem direito a um exemplar quem angariar dez assignaturas e se responsabilizar pelo seu pagamento.

A empresa aceita correspondentes em todas as terras onde os não tem, dando referencias naquella cidade.

Pede-se a vista do publico as nossas succursaes para examinar os bordados em todos os estylos: maliz, rendas, abertos mexicanos e romanos, bordados venezianos, etc., executados com a machina **Domestica Bobine Central** a mesma que serve para toda a classe de **TRABALHOS DOMESTICOS** Machinas para todas as industrias em que se empregue a costura

Pede-se o catalogo illustrado que se dá gratis

69, L. do B. de S. Marinho, 71 Avenida do Commercio

MACHINAS **SINGER** PARA COSER

Todos os modelos a 500 reis semanaes

Concessionarios em Portugal **ADDOCK & C.ª**  
**Companhia Fabril Singer**  
SUCCURSAES

Braga

Guimarães

## IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas  
POR

Monsenhor **MANUEL MARINHO**

Approvada e indulgenciada  
pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

**PREÇOS**

Em percalina . . . . .	300 reis
Em carneira com folhas-douradas . . . . .	500 »
Em chagrin-douradas . . . . .	1000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em **GUIMARÃES** vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

## As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS

DO

**CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ**

POR

**José Candido Gomes**

**E**STA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dis persas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.  
Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que aceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 reis cada volume nesta villa, e mais 50 reis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.  
O volume avulso 500 reis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 reis.

Assigna-se e vende-se na

**Pap. e Typ. Minerva Vimaranense**

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

**PEDRO SCAVINI**

## THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portuguesa da importantissima obra de Scavini

**THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL**

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario

**José Maria de Almeida**

Rua de Grão-Vasco—VIZEU